

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Junio César Francelino da Cruz

**ESTUDO DAS VANGUARDAS ARTÍSTICAS E DA ARTE MODERNA NO ENSINO
MÉDIO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO DESENHO**

Contagem
2020

Junio César Francelino da Cruz

**ESTUDO DAS VANGUARDAS ARTÍSTICAS E DA ARTE MODERNA NO ENSINO
MÉDIO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM DO DESENHO**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador(a): Andrea de Paula Xavier Vilela

Contagem
2020

Cruz, Junio César Francelino da.

Estudo das Vanguardas Artísticas e da Arte Moderna no Ensino Médio como Estratégia de Ensino-Aprendizagem do Desenho/
Junio César Francelino da Cruz. – 2019.
62 f., enc (43)

Orientador(a): Andrea de Paula Xavier Vilela.
Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes.
Referências: f. 43

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino – Especialização. I. Título. II. Vilela, Andrea de Paula Xavier. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707




Nome: **JUNIO CESAR FRANCELINO DA CUZ**

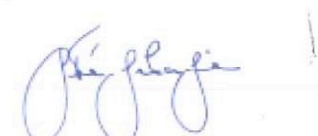
ESTUDO DAS VANGUARDAS ARTÍSTICAS E DA ARTE MODERNA NO ENSINO MÉDIO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO-APRENDIZAGEM.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.


Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADO.**



Professora Andrea de Paula Xavier Vilela – CEEAV/ EBA/ UFMG (Orientadora)



Professora Patrícia de Paula Pereira – CEEAV/ EBA/ UFMG (Membro da Banca Examinadora)



Prof. Amir Brito Cadôr
Coordenador do Programa de Pós-graduação em Artes – PPG-Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Resumo

O presente trabalho tem como tema o estudo das vanguardas artísticas e da arte moderna no ensino médio como estratégia de ensino-aprendizagem. O objetivo é abordar as vanguardas aplicadas a formas de aprendizado por meio das práticas pedagógicas a serem adotadas em sala de aula e em contribuição ao aprendizado. O uso das aulas teóricas, livro didático, atividades práticas do desenho são ferramentas importantes nas aulas e facilitadores no ensino das artes visuais. Entende-se que os movimentos e tendências que fazem parte das vanguardas artísticas europeias do final do século XIX e começo do século XX representam uma ruptura artística que ao ser estudada propicia uma didática diferenciada no aprendizado dos alunos por meio de trabalhos de releitura das obras dos artistas desse período. Aponta-se para o fato de que tal prática acaba por englobar o conhecer, o fazer e a partir desses o apreciar, além de ampliar para os estudantes um horizonte de possibilidades.

Palavras-chave: Ensino Aprendizagem. Vanguardas. Arte Moderna.

Abstract

The present work has as its theme the study of artistic vanguards and modern art in high school as a teaching-learning strategy. The objective is to address the vanguards applied to forms of learning through the pedagogical practices to be adopted in the classroom and in contribution to learning. The use of theoretical classes, textbooks, practical drawing activities are important tools in classes and facilitators in the teaching of visual arts. It is understood that the movements and trends that are part of the European artistic vanguards of the late 19th and early 20th centuries represent an artistic rupture that, when studied, provides a different didactic in the students' learning through works of re-reading the works of the artists that period. It points to the fact that such a practice ends up encompassing knowing, doing and, from these, appreciating it, in addition to expanding for students a horizon of possibilities.

Keywords: Teaching Learning. Vanguards. Modern Art.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. CAPÍTULO 1 – AS VANGUARDAS E A ARTE MODERNA: UMA OPORTUNIDADE DE APRENDIZADO EM SALA DE AULA	10
2.1 Didática no ensino das vanguardas	14
3. CAPÍTULO 2 – A IMERSÃO NOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E COMPOSICIONAIS DOS ARTISTAS DE VANGUARDA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NAS AULAS DE ARTE	20
3.1 A relação das vanguardas com os modelos artísticos produzidos pelos alunos	22
4. CAPÍTULO 3 – A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DOS DESENHOS RELACIONADAS ÀS VANGUARDAS E ARTE MODERNA NAS AULAS DE ARTE	30
4.1 Metodologia usada para incentivar os alunos a produzirem seus próprios desenhos de releituras das vanguardas.....	31
5. CONCLUSÕES.....	41
6. REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho ressalta o estudo das vanguardas artísticas europeias do final do século XIX e princípio do século XX no Ensino Médio como estratégia de ensino-aprendizagem. A proposta é realizar o ensino/aprendizagem sobre os movimentos e tendências vanguardistas com os alunos por meio de atividades práticas, de releitura das obras dos artistas relacionadas ao cotidiano dos estudantes.

Em meio aos avanços tecnológicos da atualidade, faz-se necessário discutir sobre a prática docente do ensino/aprendizagem das artes visuais em meio a variedade de linguagens artísticas. Por outro lado, não somente os recursos didáticos que garantem o aprendizado do aluno, mas a criatividade e a preparação do professor para o ensino de artes.

O percurso metodológico que orientou a elaboração dessas reflexões foi realizado com base nos textos e pesquisas bibliográficas de livros publicados por profissionais da área de artes, tais como Ana Mae Barbosa, Hugo Bozzano, Maria Heloísa Ferraz, Eliana Pougy e Solange Utuari, além das práticas pedagógicas de ensino vivenciadas em sala de aula, com o foco especial nas vanguardas artísticas europeias e arte moderna.

Dessa forma, a monografia encontra-se estruturada em três capítulos:

O primeiro capítulo intitulado “As vanguardas e a arte moderna: uma oportunidade de aprendizado em sala de aula” apresenta de maneira objetiva as vanguardas artísticas como movimentos e tendências de ruptura e uma proposta didática de ensino das artes com os alunos do Ensino Médio. Ainda busca meios para que o professor por meio de aulas teóricas, com o uso do livro didático e atividades práticas relacionadas a produção do desenho, contribua para o aprendizado dos alunos. Os autores selecionados para essa abordagem expõem a importância de se estudar as vanguardas e a citam o professor como mediador dos conteúdos com a finalidade dos alunos compreenderem, apreciarem e desenvolverem sua capacidade de conhecimento criativo.

O segundo capítulo “A imersão nos procedimentos técnicos e composicionais dos artistas de vanguarda como ferramenta didáticas nas aulas de Arte” enfatiza o papel do professor e a proposta didática para o ensino/aprendizagem das

vanguardas com os alunos. Além disso, apresenta as características dos artistas vanguardistas como forma de contribuir na produção do desenho relacionado com o cotidiano dos alunos. Por fim, aborda a necessidade de incentivar a realização do desenho das obras das vanguardas como meio de proporcionar aos alunos o fazer artístico, a análise estética e a crítica da obra.

No terceiro capítulo “A importância da produção dos desenhos relacionados às vanguardas e arte moderna nas aulas de Arte” aborda a importância da produção de releituras das vanguardas como método de ensino/aprendizagem em sala de aula. Neste capítulo busca-se introduzir os conceitos das artes visuais e das várias tendências relacionadas às produções dos artistas dessas vanguardas com intuito de estimular os educandos a produzirem releituras e compreenderem sua própria atividade artística de forma crítica. Ainda estimula a desenvolverem sua capacidade avaliativa, estética, apreciativa de sua obra autoral.

Essas práticas executadas contribuíram com o presente trabalho, pois se propôs aos alunos do Ensino Médio, a oportunidade de colocar em prática o ensino das artes visuais, ainda possibilitaram a troca de conhecimento durante as aulas e despertando o interesse dos alunos. O uso, por exemplo, dos recursos tecnológicos como os projetores de imagens, podem auxiliar o professor e serem mediadores no aprendizado.

Aponta-se que a utilização das vanguardas e arte moderna na prática pedagógica permite fazer uma análise e reflexão a partir do fazer artístico de cada aluno e como este relaciona com o seu cotidiano. A partir dessa proposta, mostrou-se necessário buscar por novas formas de aprendizado, que despertem rompimentos dos preconceitos, quebra de paradigmas, e que as atividades estejam também relacionadas ao dia a dia dos professores.

A finalidade deste trabalho é procurar dar ao leitor/educador uma visão do papel das vanguardas e sua importância no ensino de artes, com uma abordagem junto a produção de releitura do desenho, durante as aulas de Arte. Espera-se que este trabalho, ao ser divulgado, traga benefícios para o aluno, também possa contribuir na reflexão sobre a prática do desenho sobre as vanguardas e arte moderna nas aulas de Arte, e promova o desenvolvimento da criatividade, da apreciação estética, do fazer artístico e de sua realização pessoal.

2 - CAPÍTULO 1. AS VANGUARDAS E A ARTE MODERNA: UMA OPORTUNIDADE DE APRENDIZADO EM SALA DE AULA

Neste capítulo enfatiza-se o processo de ensino/aprendizagem sobre as Vanguardas Artísticas Europeias e a Arte Moderna nas aulas de Arte com os alunos do Ensino Médio, por meio de exercícios práticos de releituras de obras, como prática pedagógica e estímulo a produção individual dos alunos. A disciplina de Arte por meio de uma proposta pedagógica possibilitará ao professor o ensino/aprendizagem das vanguardas que representaram rupturas de paradigmas, quando a partir do século XX lideraram mudanças culturais, estéticas e artísticas. Além disso, servirão de base para o conhecimento dos alunos nas aulas teóricas e práticas, mas sem substituir o livro didático, com o objetivo de ampliar o conteúdo e incentivar a criatividade dos mesmos dentro da arte educação.

Uma das propostas defendidas por Ana Mae Barbosa que contribui para o aprendizado de artes consiste em conhecer, fazer e apropriar-se da obra. Nisto está o fazer artístico, as habilidades individuais e a herança cultural de cada indivíduo. Para Barbosa (2015), o conceito de Arte se ampliou, se contorceu e se viu interligado à cultura. Ensinar Arte não era mais só fazer atividades artísticas, mas falar sobre Arte, ver artes, valorizar as imagens como campo de conhecimento, acolher todas as mídias, considerar as diferenças e os contextos.

Segundo Utuari et al. (2016), as linguagens artísticas nascem da necessidade humana de se comunicar e agir no mundo, de estabelecer diferentes maneiras de dialogar sobre tudo o que o ser humano percebe, vive e sente. Linguagens que foram criadas por pessoas que precisam contar sobre suas experiências, manifestar expressões, opiniões e poéticas. Os artistas criaram e continuam a criar linguagens na arte.

Na avaliação de Rodrigues (1999), a produção cultural dos seres humanos se constitui dos bens culturais que podem ser: a produção artística e histórica; a arquitetura; os manuscritos; os livros; os bens arqueológicos; as manifestações do saber-fazer, como a dança, a música, o artesanato, entre outros, caracterizados como valores decorrentes da importância histórica, afetiva e de identidade cultural que estes bens possuam.

De fato, é preciso que o professor pesquise o universo artístico dos jovens e estimule os mesmos a desenvolver e descobrir o conteúdo estudado nos textos lidos e desenhos feitos em sala de aula de forma a trazer as experiências cotidianas e apropriar-se das linguagens artísticas, porque cada pessoa tem a sua característica de produção e apreciação diferenciada.

No entendimento de Barbosa (1998), através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou grupo social, seu modo de vida, seus sistemas de valores, suas tradições e crenças. Por meio das artes é possível desenvolver a percepção e a imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

[...] De março a julho de 1983, eu tive a oportunidade de entrevistar 2.500 professores de artes das escolas de São Paulo (BARBOSA, 1983). Todos eles mencionaram o desenvolvimento da criatividade como primeiro objetivo de seu ensino. Para aqueles que enfatizaram as artes visuais, o conceito de criatividade era espontaneidade, autoliberação e originalidade, eles praticavam o desenho no seu ensino; para aqueles que lecionavam principalmente canto coral, criatividade era definida como autoliberação e organização. (BARBOSA, 1989, p.171).

Portanto, o professor deve repassar aos alunos durante as aulas o gosto pela produção do desenho, a interação entre os colegas, com a finalidade de contribuir com a criatividade e o aprendizado nas artes visuais. Em Utuari et al. (2016) afirma-se que o conceito de criatividade é histórico e social, ou seja, em cada época da sociedade foi dada uma explicação para o seu significado. Uma das ideias mais comuns é a de que ser criativo ou talentoso para as artes é um dom. Essa concepção vem da época das musas inspiradoras da mitologia grega. Depois, foi transferida para concepção de criatividade como dom de Deus. Assim, ser criativo seria um presente, um ato sobrenatural de determinado ser sagrado, pensamento encontrado em muitas culturas e que cabe ao educador problematizar.

Ao se falar em vanguardas também conhecidas como rupturas e refere-se a tendências e movimentos estéticos e artísticos que lideraram mudanças culturais com participação de vários artistas de países com culturas diferentes. Quando se propõe ao aluno o conhecimento das vanguardas artísticas, seus movimentos,

tendências e estilos, se contribui para a ampliação cultural do aluno bem como para sua compreensão dos processos de transformação do pensar e fazer artísticos.

É o que explica Ferraz e Fusari (1993) ao dizerem que as práticas educativas surgem de mobilizações sociais, pedagógicas, filosóficas, e, no caso de arte, também artística e estéticas. Quando caracterizadas em seus diferentes momentos históricos, as práticas pedagógicas ajudam a compreender melhor a questão do processo educacional e sua relação com a própria vida.

Ferraz e Fusari (1993) esclarecem que as correlações dos movimentos culturais com a arte e com a educação em arte não acontecem no vazio, nem desenraizadas das práticas sociais vividas pela sociedade como um todo. As mudanças que ocorrem são caracterizadas pela dinâmica social que interfere, modificando ou conservando as práticas vigentes.

De acordo com Barbosa (1998), a arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence.

Pode-se experimentar com os alunos o processo de criação em arte e como em outras áreas. Em Utuari et al. (2016), a relação entre observação, memória e imaginação pode deflagrar uma ideia criativa. Uma paisagem pode ser representada de muitas formas. Os artistas românticos, por exemplo, criavam paisagens com base na relação de valorização da visão pessoal do artista e da sua emoção ao representar as coisas. Já os impressionistas usavam em suas obras cor e luz compondo imagens fluidas e sem contornos, linhas dissolvidas, mergulhadas em manchas e nuances cromáticas.

[...] Os impressionistas buscavam enfatizar a observação ao representar uma paisagem, mas é claro que também havia uma interpretação em relação ao que viam. Como a pintura era realizada geralmente no local da observação, esses artistas estudavam como captar a luz traduzi-la em cores vibrantes, explorando os contrastes entre luzes e sombras em pinceladas soltas e imprecisas. O objetivo dos pintores era transmitir a impressão daquele momento, capturar a sensação atmosférica, a percepção de um instante que logo iria passar... Assim, uma pintura de paisagem ao ar livre era feita em poucas horas. (UTUARI et al, 2016, p.130).

Barbosa (1998) ressalta que apreciar, educar os sentidos e avaliar a qualidade das imagens produzidas pelos artistas é uma ampliação necessária à livre expressão, de maneira a possibilitar o desenvolvimento contínuo daqueles que, depois de deixar a escola, não se tornarão produtores de arte. Através da apreciação e da decodificação de trabalhos artísticos, se desenvolve fluência, flexibilidade, elaboração, originalidade e os processos básicos da criatividade.

A escola juntamente com seu corpo pedagógico pode contribuir e muito com o aprendizado dos alunos na disciplina de Arte. Ferraz e Fusari (1993) destacam que a consciência e a interferência sobre o processo educativo de arte é fundamental para o professor, para os alunos de Magistério, enfim, para todos que estão envolvidos com uma educação que pretende ser transformadora. A consciência histórica e a reflexão crítica sobre os conceitos, as ideias, as ações educativas de nossa época possibilitam nossa contribuição efetiva na construção de práticas e teorias de educação escolar em arte que atendam as implicações individuais e sociais dos alunos, as suas necessidades e interesses, e, ao mesmo tempo, proporcionem o domínio de conhecimentos básicos da arte.

Percebe-se que o aluno ao realizar qualquer atividade relacionada a produção de desenho busca uma qualidade estética, mesmo não tendo aptidão para a criação artística. Utuari et al. (2016) define a estética como um ramo de discussão filosófica, atua na reflexão sobre o papel da arte na vida, sua natureza, seus valores e suas concepções e discute compreensões de beleza ao longo do tempo. Assim, a arte no sentido estético pode ser compreendida como a criação poética dos seres humanos. Ainda requer investigar como os seres humanos produzem arte e cultura a partir dos seus pensamentos, valores e gostos em cada época e lugar.

Barbosa (1998) explica que a experiência, seja qual for seu material (ciência, arte, filosofia e matemática) para ser uma experiência, precisa ter qualidade estética. É a qualidade estética que unifica a experiência enquanto reflexão e emoção. Além disso, toda atividade prática adquirirá qualidade estética sempre que seja integrada e se mova por seus próprios ditames em direção à culminância.

[...] Numa obra de arte, diferentes aros, episódios, acontecimentos se mesclam materialmente e fundem-se numa unidade, embora as partes não desapareçam nem percam seu caráter próprio quando isto sucede. É no campo das artes que o processo da experiência significativa se torna mais evidente para ser o cognoscente. Nas

artes, se revela pela observação, percepção e verificação direta quando a experiência possui uma unidade. (BARBOSA, 1998, p.24).

Entende-se que a experiência significativa do aluno com a sua produção visual em sala de aula é intermediada pela troca de conhecimento entre o professor e o estudante. Saviani (1999) analisa que o ensino tradicional se propunha a transmitir os conhecimentos obtidos, pela ciência, portanto, já compendiados, sistematizados e incorporados ao acervo cultural da humanidade. Até porque este tipo de ensino, o ensino tradicional, se centra no professor, nos conteúdos e no aspecto lógico, isto é, se centra no professor, o adulto, que domina os conteúdos logicamente estruturados, organizados, enquanto que os métodos novos se centram no aluno, nos procedimentos que o conduzam à posse dos conhecimentos capazes de responder às dúvidas e indagações.

2.1 Didática no ensino das vanguardas

Assim, quando é proposta ao aluno uma atividade de artes, por exemplo, sobre qualquer obra das vanguardas, a ideia inicial é estimular o aprendizado e uma avaliação crítica da mesma. É o que define Saviani (1999), ao dizer que nos métodos novos se privilegiam os processos de obtenção do conhecimento, enquanto que nos métodos tradicionais, se privilegiam os métodos de transmissão dos conhecimentos já obtidos. O fato é que as vanguardas oferecem uma variedade de linguagens artísticas, as quais possibilitam aos alunos opções de escolhas temáticas, formas de produções contemporâneas, que muitas das vezes estão relacionadas com o cotidiano dos jovens estudantes e contribuem para releitura dos mesmos.

O trabalho sobre as vanguardas artísticas europeias e arte moderna com os alunos do Ensino Médio tem por finalidade romper paradigmas e preconceitos que os jovens estudantes têm com a produção e interpretação de uma obra artística baseada somente no realismo e naturalismo. Além disso, a proposta é incentivar os alunos sobre a importância de estudar as vanguardas europeias uma vez que foram elas que proporcionaram uma das principais rupturas em relação à ideia de que a arte deveria ser representativa, imitação da realidade e da natureza. Também questionaram que a arte deveria reproduzir um ideal de beleza e criaram suas próprias regras e, aos poucos, influenciaram rupturas artísticas em outras partes do mundo. (BOZZANO et al, 2013).

Avalia-se que a troca de conhecimento entre professor e aluno durante as aulas de artes são obtidas por diversos métodos. Ou seja, a arte pode tocar as pessoas de modos diferentes. Ter contato com a arte pode proporcionar experiências significativas. Ao observar uma imagem, assistir a um filme, a um espetáculo de dança, a uma peça de teatro ou quando se ouve uma música, são sentidas as emoções. Analisa-se que são imprevisíveis as sensações que alguém pode sentir diante da arte, por causa do repertório cultural de cada um. A emoção diante das coisas, sejam arte ou não, pode acontecer em diferentes espaços e situações. Também as pessoas se emocionam com a visão da natureza ou com o sabor de um alimento. (UTUARI et al, 2016).

[...] Nosso conhecimento é construído com base em observações do mundo, pelo acervo da memória, pela leitura, pelo estudo e pela imaginação. O jeito de olhar mais sensível vai além de visões externas e adentra a maneira como elas nos tocam. Para que isso ocorra, é preciso estarmos “abertos” para senti-las – em estado de estesia. (UTUARI et al, 2016, p.31).

Diante de uma obra desenhada pelo aluno, o mesmo deve ter o entendimento e a interpretação do que foi produzido. Ainda cabe ao professor proporcionar e incentivar a livre criatividade da obra. Segundo Barbosa (1998), o conhecimento das artes tem lugar na interseção, experimentação, decodificação e informação. Nas artes visuais, estar apto a produzir uma imagem e ser capaz de ler uma imagem são duas habilidades inter-relacionadas.

Barbosa (1998) propõe que a educação deveria prestar atenção ao discurso visual, porque ensinar a gramática visual e sua sintaxe através da arte e tornar os estudantes conscientes da produção humana de alta qualidade é uma forma de prepará-los para compreender e avaliar todo tipo de imagem, conscientizando-os de que estão aprendendo com estas imagens.

Sugere-se que o professor tem uma função importante para transmitir o conteúdo e que o mesmo seja compreendido pelo aluno durante as aulas. Saviani (1999) explica que o papel do professor é o de garantir que o conhecimento seja adquirido, às vezes mesmo contra a vontade imediata do aluno, que espontaneamente não tem condições de enveredar para realização dos esforços necessários a aquisição dos conteúdos mais ricos e sem os quais ele não terá vez, não terá chance de participar da sociedade.

Pela experiência em sala de aula, com os alunos do Ensino Médio, tem sido possível verificar que um bom aprendizado tende a estar diretamente ligado à disciplina, no sentido comportamental, e isso independe da faixa etária de escolaridade. Saviani (1999) relata que os pais de crianças pobres têm uma consciência muito clara de que a aprendizagem implica a aquisição de conteúdos mais ricos, de que a aquisição desses conteúdos não se dá sem esforço, não se dá de modo espontâneo; conseqüentemente, para se aprender é preciso de disciplina e, em função disso, eles exigem mesmo dos professores que cobrem e propiciem disciplina em suas aulas. A proposta é que os regentes em sala de aula estejam atentos aos comportamentos dos alunos para não prejudicar o ensino/aprendizado de arte.

[...] Uma pedagogia revolucionária centra-se, pois, na igualdade essencial entre os homens. Entende, porém, a igualdade em termos reais e não apenas formais. Busca, pois, converter-se, articulando-se com as forças emergentes da sociedade, em instrumento a serviço da instauração de uma sociedade igualitária. Para isso a pedagogia revolucionária, longe de secundarizar os conhecimentos descuidando de sua transmissão, considerada a difusão de conteúdos, vivos e atualizados, uma das tarefas primordiais do processo educativo em geral e da escola em particular. (SAVIANI, 1999, p.75).

Espera-se nas aulas de arte quando a proposta é a realização de um desenho, a criatividade do aluno, o uso dos mais diversos materiais como o lápis de escrever, lápis de cor, giz de cera, canetinha, tesoura, borracha, apontador e outros. Além disso, o professor precisa apresentar conteúdos teóricos sobre as vanguardas, suas tendências e os movimentos artísticos, as características dos pintores, as obras produzidas que podem, por exemplo, serem projetadas pelo data show e a culminância com as atividades práticas de desenho relacionadas ao estilo artístico estudado. Portanto, o uso destes materiais devem contribuir para a capacidade de análise e compreensão das vanguardas. Ferraz e Fusari (1993) relatam que nas aulas de arte, os professores enfatizam um “saber construir” reduzido a seus aspectos técnicos e ao uso de materiais diversificados como as sucatas, por exemplo, e um “saber exprimir-se” espontâneo, na maioria dos casos caracterizando poucos compromissos com conhecimento em linguagens artísticas. O ideal é que as duas formas de saberes sejam incentivadas e tornem importantes para o aprendizado dos alunos.

Ferraz e Fusari (1993) ressaltam que o compromisso com o projeto educativo exige um competente trabalho do docente. No caso da ação educativa em arte, o professor terá de relacionar a prática profissional com a didática em sala de aula, aliada a teoria artística e estética de cada conteúdo dentro da proposta pedagógica da escola. Em síntese, é importante que o professor durante a aula de arte incentive as habilidades individuais e criativas em função de ampliar o conhecimento dos estudantes.

Para o desenvolvimento do aprendizado, do conteúdo de arte é necessário que o professor tenha alguns critérios no seu planejamento, como por exemplo, aula expositiva, atividades teóricas e práticas. Além disso, a realização de projetos artísticos de pinturas e exposições que possam envolver toda a escola. Barbosa (1998) propõe que um currículo que integre atividades artísticas, histórias das artes e análise dos trabalhos artísticos levaria à satisfação das necessidades e interesses dos alunos, respeitando ao mesmo tempo conceitos da disciplina a ser aprendida, seus valores, suas estruturas e sua específica contribuição a cultura.

Quando se fala do que gera interesse nos alunos para o conteúdo de arte e produção do desenho é importante citar a educadora Artus Perrelet que veio ao Brasil, em 1927, com o grupo de europeus, a convite do governo, para estabelecer a reforma educacional do Estado de Minas Gerais. Segundo Perrelet, o desenho que pedia já não era mais um desenho realista, isto é, cópia da realidade, porém algo evocativo do objeto, valorizando mais expressão da forma traçada do que sua correspondência com a realidade.

De acordo com Barbosa (1998), Perrelet pretendia ensinar arte através da apreciação do meio ambiente sem deixar de sistematizar o alfabeto da forma, linha, cor, volume e perspectiva. Sua ideia central era apreciação da experiência. Para sistematizar o conhecimento era necessário, como num laboratório, provocar a experiência na sala de aula, explorá-la e sistematizá-la. Uma nova pedagogia da arte prescreve a atenção para a arte na escola em dois sentidos: o sentido cultural, isto é, arte como cultura, levando-se os alunos a apreciar, conhecer e analisar a herança artística que os precede; e o sentido expressivo, isto é, arte como expressão realizada nos ateliês explorando o fazer individual.

[...] Para Perrelet, o desenho era a grafia do movimento – uma concepção certamente assimilada das vanguardas artísticas da

época, desde o Impressionismo até o Futurismo. Entretanto, não poderia o professor supor a experiência de movimento assimilada por seu aluno. Assim, para ela, era muito importante aprender a grafar individualmente o movimento somente depois de percebê-lo e apreciá-lo, sendo o professor testemunha desta percepção e apreciação. (BARBOSA, 1998, p.27)

Dentre os vários destaques dos artistas das vanguardas estão o rompimento com os padrões artísticos do que era considerado correto e de bom gosto. Porém, em desenhos realizados pelos alunos e vistos em sala de aula, o belo, muitas das vezes, é entendido somente como correto, quando produzido com as características realistas e naturalistas. Um dos movimentos artísticos das vanguardas que auxilia a se propor exercícios em que se quebrem paradigmas em relação a uma produção que seja fiel a uma representação dentro de uma lógica de perspectiva é o Cubismo, criado em 1908, tinha como inspiração a geometrização das formas da pintura de Cézanne e era ligado às transformações tecnológicas, sociais, e culturais que ocorreram nos grandes centros urbanos do início do século XX. (POUGY e VILELA, 2016). Além disso, tinha como proposta apontar a visão das formas construídas como cubos e com várias faces. Uma das questões propostas pelos cubistas é que o que se vê não se apresenta aos nossos olhos com uma forma fixa, de um único ponto de vista, como na representação em perspectiva. Não tem como falar do Cubismo sem citar o espanhol Pablo Picasso, um dos principais artistas das vanguardas artísticas europeias, que em suas obras, as formas se apresentam em vários ângulos, os objetos têm sua estrutura investigada a fundo. Mais do que nos temas que representava, Picasso estava interessado na forma, e em questões relacionadas à própria arte. (BOZZANO et al, 2013).

Outros exemplos para se trabalhar a sensibilização para a percepção cromática dos alunos são os artistas impressionistas. Os artistas dessa tendência registravam as cenas cotidianas. Eles perceberam que a cor de um objeto muda conforme a hora do dia ou a iluminação que a cobre e queriam registrar essa variação. Ainda brincavam com a ilusão óptica e seus efeitos. Para tanto, utilizavam pinceladas curtas, puras, em cores vibrantes. Uma fonte de inspiração foi a fotografia, pois os artistas impressionistas também buscaram “capturar” instantes e foram grandes promotores da vida privada burguesa, retratando seu dia a dia. (POUGY e VILELA, 2016). Ao realizar pinturas ao ar livre, esses artistas fizeram pesquisas sobre as mudanças na atmosfera e suas consequências na composição

da cor e da luz. Com base nessas pesquisas, eles usavam em suas obras cor e luz compondo imagens fluídas e sem contornos, linhas dissolvidas, mergulhadas em manchas e nuances cromáticas. (UTUARI et al, 2016).

De fato, o fazer artístico das vanguardas e arte moderna trabalhadas em sala de aula devem contribuir na formação intelectual dos alunos relacionada a realidade diária vivida pelos mesmos. Portanto, Barbosa (1998) diz que um ensino baseado na Proposta Triangular precisa contribuir para o desenvolvimento dos alunos na criação artística e capacidade de falar sobre arte, ainda verificar se tem correspondido à realidade do professor na necessidade de instrumentalizar o aluno para o momento que se vive, respondendo o valor fundamental a ser buscado em nossa educação, a leitura e a alfabetização. A aquisição da linguagem visual, por meio de uma alfabetização visual, possibilita ao aluno a compreensão, apreciação e análise de uma obra artística, bem como amplia suas possibilidades expressivas dando a eles instrumentos para dominar a expressão e a leitura visual num sentido amplo e abrangente.

3 - CAPÍTULO 2. A IMERSÃO NOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS E COMPOSICIONAIS DOS ARTISTAS DE VANGUARDA COMO FERRAMENTA DIDÁTICA NAS AULAS DE ARTE

Neste capítulo são apresentados os métodos de ensino/aprendizado das vanguardas europeias e arte moderna com as suas respectivas teorias e características, e os meios didáticos utilizados pelo professor em sala de aula. A partir das tendências artísticas das vanguardas como Cubismo, Fauves, Futurismo, Surrealismo, Abstracionismo, Expressionismo e Dadaísmo são propostos aos alunos do Ensino Médio o aprendizado destas linguagens artísticas baseados nas imagens do livro didático, pesquisas na internet, discussões teóricas, releituras por meio dos desenhos e exposições no espaço escolar. Isto pode contribuir para o interesse dos alunos, tornando-se não apenas meros expectadores, mas participantes críticos e criativos vinculados com a realidade cotidiana.

Para a concretização do ensino/aprendizado o papel do professor é de muita importância no que diz respeito ao incentivo a apreciação artística, a criatividade e o entendimento da atividade realizada em sala de aula. Quando fala-se em arte na educação, outras variáveis se mobilizam e tornam a própria experiência do professor, elemento definitivo da experiência estética do aluno. A exposição do adolescente e da criança à arte na escola depende da escolha do professor. A experiência estética pode ser mais ou menos significativa e valiosa em função desta escolha. O professor de arte precisa conhecer estética para, pelo menos, saber o que escolher. (BARBOSA, 1998).

[...] Como professores, temos que procurar conhecer estética para estarmos preparados para os questionamentos estéticos que necessariamente surgem no processo de nossos alunos entenderem e conhecerem arte, quer seja fazendo arte ou interpretando obras de arte. Neste sentido, a estética tem um enorme potencial esclarecedor e estimulador do questionamento reflexivo, matéria-prima da filosofia da qual a estética é uma subdivisão ou filial. (BARBOSA, 1998, p.41).

Uma das atividades mais comuns durante as aulas de arte tem sido as releituras de obras artísticas como neste caso de pintores das vanguardas. Porém, o professor precisa estimular a criatividade dos alunos para que a obra desenhada não seja meramente cópia. Barbosa (1998) explica que a releitura é uma atividade possível e quanto mais problematizadora mais criadora. Mas o perigo da reprodução improdutiva ronda as releituras. Uma releitura divergente ou subjetivada amplia o

universo da alteridade visual naturalmente trabalhada. A releitura como procedimento constante transforma o fazer artístico em mero exercício escolar. Artistas que se utilizam desses procedimentos muitas das vezes variados em suas pesquisas visuais. Estes devem servir de estímulos criativos para os professores de arte. Para falar a verdade, a insistência na releitura pode provocar medo quando é realizada a cópia pela cópia.

Diante, por exemplo, de uma releitura da obra *Os Girassóis*, de Vincent Van Gogh, o aluno precisa fazer uma avaliação crítica de interpretação e leitura da obra reproduzida. De acordo com Barbosa (1998), a leitura da obra de arte é busca, descoberta, é o despertar da capacidade crítica, e nunca deve ocorrer a redução dos alunos a recepção das informações dadas pelo professor por mais que eles sejam inteligentes. Ainda percebe-se que o uso do livro didático se torna importante quando proporciona ao aluno a percepção e a interpretação da obra produzida.

Dentre os trabalhos realizados com os alunos estão as pesquisas de imagens da internet como a *Guernica*, de Pablo Picasso, a *Fonte*, de Marcel Duchamp, e o *Sono* de Salvador Dalí. O uso da imagem em sala de aula, além de ser um método didático, tem como finalidade contribuir com aprendizado e reflexão nas aulas de arte. Por outro lado, a reflexão sobre a imagem é algo que tem lugar em poucas escolas e isso resulta em consequências nefastas não só para compreensão da obra de arte, mas também para uma apreciação crítica da televisão. (BARBOSA, 1998).

[...] A imagem, quer seja ela figurativa ou abstrata, é um âmbito de realidade, não apenas um objeto. Imersos num humanismo baseado na dominação de objetos, tem sido difícil para os educadores entenderem a importância da imagem, da reflexão sobre ela, da percepção sobre seu sentido, da sua produção estética através da arte e da sua sedução através dos meios de comunicação. (BARBOSA, 1998, p.44).

O fato é que o conceito de arte-educação está relacionado com a imagem e a criatividade. Barbosa (1989) esclarece que arte-educação pode preparar os seres humanos, que são capazes de desenvolver a sensibilidade e criatividade através da compreensão da arte durante suas vidas inteiras. Outra ideia sustentada é que todas as atividades profissionais envolvidas com a imagem (TV, publicidade e propaganda, confecção, etc.) e com o meio ambiente produzido pelo homem (arquitetura, moda,

mobiliário, etc.) são melhores desenvolvidas por pessoas que têm algum conhecimento de artes.

3.1 A relação das vanguardas com os modelos artísticos produzidos pelos alunos

Quando se fala em imagens das linguagens artísticas das vanguardas e arte moderna trabalhadas em sala de aula com os alunos se tem, como exemplo, o Cubismo. A atividade prática realizada é referente a uma cadeira que oferece muitas possibilidades. O aluno deve desenhar vários ângulos desse objeto, todos numa mesma folha. Para conseguir ângulos diferentes, também deverá mudar de posição. De fato, os princípios do Cubismo podem ser difíceis de compreender, os alunos precisam mudar seus pontos de vista. Quanto a escolha do objeto, deve ser algo que ofereça várias formas ao olhar, conforme muda de posição. (BOZZANO et al, 2013).

Outro exemplo de proposta didática são as atividades relacionadas as cores muito utilizadas pelos artistas dos Fauves. Aos alunos são sugeridos a produção de um autorretrato, ou seja, um retrato de si mesmo, explorando o uso das cores. Estas devem ser usadas para criar relações de contraste e uniformidade. Ainda será importante relembrar aos estudantes o que aprenderam sobre as cores complementares, porque dependendo das cores que você usar, irá gerar impressões diferentes. O aluno não precisa pintar as cores como as vê na realidade, ele pode simplesmente escolhê-las baseado em seu interesse, ou no que pretende provocar com sua imagem. (BOZZANO et al, 2013).

Percebe-se que vários rompimentos da arte moderna já haviam começado no fim do século XIX, com artistas que trabalharam fora dos padrões da época. Eles acreditavam em suas propostas artísticas e dedicaram-se a elas, explica Bozzano et al. (2013). Um dos artistas que explorou intensamente a expressividade das cores e da distorção das formas foi o Vincent Van Gogh. Seu reconhecimento aconteceu somente após a sua morte. Enquanto esteve vivo, vendeu um único quadro. Em 1901, suas obras foram expostas em Paris, e influenciaram vários artistas modernos.

[...] Durante sua vida, seu irmão mais novo Theo, que trabalhava com comércio de arte, ajudou-o financeiramente, e recebia suas obras para tentar vendê-las. Nos últimos anos de sua vida, entre 1888 e 1890, durante os quais pintou algumas de suas obras mais conhecidas, Van Gogh isolou-se no interior ao sul da França, onde

buscou trabalhar sem ser perturbado, e encontrou na paisagem uma paleta luminosa e colorida. Ele pintou muitas paisagens, retratos e autorretratos. Cores puras e relações entre complementares são muito presentes em sua obra, em especial o azul e laranja e suas análogas. (BOZZANO et al, 2013, p.146).

Avalia-se que quando se propõe estudar com os alunos a variedade das linguagens artísticas das vanguardas, a finalidade é romper os preconceitos que muitas das vezes existem na arte-educação de que o ensino de arte está relacionado somente para fazer desenhos de datas comemorativas, formas humanistas e naturalistas. Barbosa (1989) relembra que após o ano de 1983, apesar de alguns esforços feitos pelo governo do estado para desenvolver o conhecimento de arte-educação, mais de 50% dos professores primários (1^a a 4^a séries), atualmente o Ensino Fundamental I, estudaram apenas até a antiga 4^a série. Eles não tinham nenhum preparo, mas lecionaram todas as matérias incluindo arte. Como resultado, tiveram professores de arte que nunca leram nenhum livro sobre arte-educação e pensam que dar arte na escola é dar folhas para colorir com corações para o Dia das Mães, soldados no Dia da Independência, e assim por diante.

Entende-se que em qualquer atividade que envolva arte precisa da utilização da imagem como ferramenta didática para contribuir com o ensino/aprendizado dos alunos. Porém, alguns professores têm algumas resistências e até mesmo dificuldades em trabalhar com recursos tecnológicos que facilitarão durante as aulas. Contudo, os professores ainda não sabem o que fazer ou quais são os limites da invasão da auto-expressão dos alunos. A maioria deles, que por um longo período praticaram desenho de observação de objetos e da natureza com seus alunos, estão chocados com a introdução da imagem nas salas de aula e com crianças observando trabalhos de arte de adultos. O preconceito com a imagem é estendido e mais forte na escola primária. (BARBOSA, 1989).

Durante as aulas de arte quando a atividade a ser realizada é o desenho, por exemplo, das vanguardas, o aluno é orientado a compreender e observar o estilo artístico que o identifica e não somente reproduzir a obra do artista escolhido. Barbosa (1989) cita o caso de professores que nunca ouviram falar sobre auto-expressão ou educação estética. Por outro lado, os professores instruídos são influenciados pelo expressionismo. Num ensaio apresentado no Congresso de Arte-

Educação dos Estados do Sul em Florianópolis, em novembro de 1988, Susana Vieira da Cunha apontou que, de acordo com pesquisa realizada no Rio Grande do Sul, para os professores de arte instruídos, arte significa intuição e emoção e, como resultado, eles pensam que “arte-educadores não precisam pensar” e “arte é só fazer”, excluindo a possibilidade de observação e compreensão da arte.

O professor ao propor uma atividade de desenho para os alunos poderá usar vários métodos didáticos como apreciação e estética da obra. Quando a metodologia utilizada para a leitura de uma obra arte varia, de acordo com o conhecimento anterior do professor esta pode ser estética, semiológica e iconológica. (BARBOSA, 1989).

[...] Temos sido muito cuidadosos para não transformar a leitura de uma obra de arte num simples questionário. Esta simplificação está acontecendo com a metodologia da Getty Foundation apesar da estrutura teórica e complexa construída por Harry Broudy, porque os professores de arte estão reduzindo a análise ou apreciação artística num jogo de questões e respostas – um mero exercício que leva a leitura a um nível medíocre e simplifica a condensação de significados de uma obra de arte, limitando a imaginação do leitor. (BARBOSA, 1989, p.178).

Vários recursos podem ser utilizados pelo professor para compreensão da imagem da obra a ser desenhada pelo aluno. A ideia de leitura da imagem é construir a metalinguagem. Isto não é falar sobre uma pintura, mas dizer do mesmo num outro discurso, às vezes silencioso, algumas vezes com gráfico, e verbal somente na sua visibilidade primária. Além disso, a concepção de história da arte não é linear, mas pretende contextualizar a obra de arte no tempo e explorar suas circunstâncias. Em lugar de estar preocupado em mostrar a então chamada evolução das formas artísticas através dos tempos, pretende-se mostrar que arte não está isolada do nosso cotidiano e de nossa história pessoal. (BARBOSA, 1989).

Ao partir com a proposta do Surrealismo como atividade prática de interpretação da imagem no livro didático, os alunos podem ampliar o seu imaginário artístico baseado nas obras de Salvador Dalí. Esta tendência artística buscava manifestar na atividade criativa o universo dos sonhos e do inconsciente, influenciados pela teoria psicanalítica de Sigmund Freud. Num primeiro momento, as obras surrealistas podem parecer sem sentido, absurdas. Elas lidam com o mistério dos sonhos, com a espontaneidade das vontades inconscientes, irracionais, com

referências simbólicas àquilo que cada ser humano não compreende de si mesmo. (BOZZANO et al, 2013).

Apesar de ser um produto da fantasia e imaginação, para Barbosa (1989) a arte não está separada da economia, política e dos padrões sociais que operam na sociedade. Ideias, emoções, linguagens diferem de tempos em tempos e de lugar para lugar e não existe visão desinfluciada e isolada. Constrói-se a História a partir de cada obra de arte examinada pelas crianças, estabelecendo conexões e relações entre outras obras de arte e outras manifestações culturais.

Compreende-se que a culminância dos trabalhos realizados no espaço escolar por meio de exposições e visitas aos museus ampliam o censo criativo, apreciativo e crítico dos alunos, ainda geram reflexões e aproximam as obras artísticas ao seu cotidiano. Por sua vez, nem todos os professores tem a oportunidade de trabalhar esta proposta devido a falta de incentivo a criatividade dos alunos e interesse do plano pedagógico da escola.

[...] O financiamento de um atelier por algumas corporações tornou possível oferecer as crianças os melhores materiais artísticos à disposição no Brasil, incluindo uma máquina de Xerox. Estas condições especiais aliadas a uma coleção de 5.000 obras de arte com obras significativas da arte moderna francesa, italiana e latino-americana estimularam os arte-educadores no Museu de Arte Contemporânea (MAC). Porém, alguns arte-educadores visitando o MAC ficaram chocados com as reinterpretações de obras artísticas feitas pelas crianças, acusando-nos de impor restrições ao processo criativo. (BARBOSA, 1989, p.178).

É importante ressaltar que o professor quando se propõe a trabalhar com os alunos a variedade das linguagens artísticas das vanguardas e arte moderna, a intenção é trazer para os mesmos a inovação, rupturas e relacionar as obras com o seu dia a dia. Isto porque os artistas passam a utilizar em seus trabalhos materiais inusitados e objetos já prontos, industrializados ou artesanais. Além disso, apropriam-se das linguagens tecnológicas e dos produtos da indústria cultural como forma de crítica. (POUGY e VILELA, 2016).

Quem pode exemplificar isso é o artista dadaísta Marcel Duchamp, que questionava a arte tradicional e suas obras tinham características contestadoras, e punham à prova os critérios que definiam o que era e o que não era considerado arte pela academia. Para ele, a definição do que é ou não é arte não deve obedecer somente ao que pensam os críticos ou os estudiosos e nem se submeter apenas ao

gosto do público. Duchamp considera que o artista deve ser um pesquisador, que amplia seus horizontes e apresenta novas propostas, muitas vezes causando reações contrárias ou provocando o espectador. Também foi um dos primeiros artistas a propor que a habilidade técnica não devia ser o único fator a ser considerado ao avaliar uma obra de arte, mas que a ideia e as propostas do artista deveriam ser levadas em conta. (POUGY e VILELA, 2016).

Esta variedade de opções artísticas das vanguardas possibilitam aos alunos descobrirem novas formas de imagens e características dos pintores durante as aulas de arte. Também ampliam o conceito do que é belo na produção de uma obra. Pougy e Vilela (2016) esclarecem que gradativamente, os teóricos de arte reconhecem e valorizam as mais diversas formas de arte, erudita ou não, e passam a conceituar as manifestações artísticas como possuidoras de múltiplos sentidos, que são dados pelo artista, pela obra e pelo público, em constante diálogo. São criadas obras abertas, que estimulam os observadores a interagir com elas, recriando-as.

As questões relacionadas à forma sempre foram de interesse dos artistas. Podem nos emocionar diante de uma pintura que, para o artista, tratava-se de um problema de formas, cores e linhas a ser solucionado. Os elementos visuais são a matéria-prima do artista, que os trabalha de modo a alcançar os resultados pretendidos, seja expressar suas próprias emoções, ideias, visões de mundo, seja para provocar determinadas reações no público. (BOZZANO et al, 2013).

A percepção de que a arte pode ser independente da representação da realidade levou a arte moderna a um extremo em relação à tradição europeia: a abstração. Em Bozzano et al. (2013), a abstração pode até surgir de um processo de síntese de uma figura, mas o resultado final não mais apresenta referência direta à figura original. Está presente nas manifestações visuais de várias culturas em épocas diferentes, e carrega os mais diversos significados. Um exemplo são os padrões geométricos da arte de muitos povos indígenas. Para a tradição europeia, no entanto, apegada à representação da realidade concreta, a arte abstrata foi vista como um punhado de rabiscos, tinta jogada sem critério na tela.

O primeiro artista moderno abstrato foi o russo Wassily Kandinsky. De acordo com Bozzano et al. (2013), ele percebeu que, mesmo sem referência figurativa, as

formas, linhas e cores podem expressar emoções, significados. Para Kandinsky, a imagem pode ser como a música instrumental, que é abstrata mas pode gerar diversas interpretações. O artista deixou até de dar nome às suas obras. Ele as nomeava com títulos como “composição” ou usava números, para não condicionar o olhar do observador a ver algo da realidade concreta em suas imagens. A arte abstrata desse período costuma ser dividida entre abstracionismo lírico, em que as formas são livres, orgânicas, e abstracionismo geométrico, que como o nome indica, usa formas geométricas.

O fato é que o século XX começou com muitas mudanças que já estavam em curso há algumas décadas em várias partes do mundo. Novas descobertas e invenções se popularizaram e transformavam rapidamente a vida das pessoas, as relações sociais e de trabalho, a política, a comunicação e o transporte. Rádio, telefone, cinema, eletricidade, automóvel, avião, são alguns dos inventos que se tornavam cada vez mais comuns na vida das pessoas, junto a avanços na medicina, aumento da urbanização, novas formas de poder político e maior comunicação entre os povos. Esse contexto vê-se refletido na arte moderna. (BOZZANO et al, 2013).

Uma tendência artística em particular, principalmente literário buscou exaltar essas transformações no sentido de negar o passado, valorizar a máquina, a velocidade e a guerra. Tudo que remetia a uma visão de mundo do passado era desprezado pelos futuristas. Uma das mais famosas obras futuristas é a *Formas únicas de continuidade no espaço*, escultura do italiano Umberto Boccioni. Bozzano et al. (2013) explica que a figura humana foi trabalhada pelo artista de modo a passar a impressão de movimento, velocidade e força, valores exaltados pelos futuristas.

As linguagens artísticas que trabalham por meio das imagens os sentimentos internos e que podem estimular a reflexão de uma obra pelo aluno. Elas se enquadram no termo do expressionismo interpretado de várias maneiras, mas, em linhas gerais, pode-se dizer representa formas de arte que resultam do impacto causado pela expressão da vida interior, das imagens que vêm do fundo do ser humano. (BOZZANO et al, 2013).

[...] Essas imagens são como um transbordamento do que era causado na época pelo mundo exterior, ou seja, não eram uma cópia da realidade, e sim o reflexo do sentimento dos artistas perante o

contexto em que viviam, como uma radiografia do que havia de mais profundo no ser humano. A arte era manifestada em imagens densas, fruto da criatividade espontânea, próximo do que se poderia considerar o mais primitivo do ser humano. O artista não controlava racionalmente sua expressão. Se o seu mundo se apresentava obscuro e sombrio, assim também seria sua obra, relacionando tudo que escapasse ao controle lógico. O “olho” do expressionismo estava voltado ao interior, ao núcleo das coisas, em uma sequência livre, de imagens simbólicas. (BOZZANO et al, 2013, p.162).

Assim, a arte, influenciada por esse contexto, dificilmente poderia não aparecer de forma deformada. Bozzano et al. (2013) explica que o Expressionismo foi uma reação para além do estético. O estado de barbárie refletia-se em obras que manifestavam desespero, descrença. Essas obras eram de certa forma doentias, repletas de imagens grotescas, que projetavam um mergulho para dentro de si mesmas e mostravam a realidade mais profunda que a da experiência cotidiana, projetando visões íntimas, sem filtro exterior.

Avalia-se que o expressionismo, diferente de outros movimentos da mesma época, não tinha líderes nem procurava se legitimar por meio de manifestos; ou seja esses artistas não se preocuparam previamente com um conteúdo que pudesse reuni-los em torno de um objetivo comum. No entendimento de Bozzano et al. (2013), essa arte não almejou inicialmente uma forma de manifestar seus gritos internos, diante de uma realidade muito difícil. As manifestações surgem de vários artistas e em locais diferentes, diante da realidade vivenciada naquele momento.

Diante das realidades dos alunos, o professor precisa inserir a partir das práticas didáticas um conteúdo artístico que esteja relacionado ao cotidiano dos alunos para contribuir com o aprendizado. Porém, Barbosa (1989) questiona que os professores de arte conseguem os seus diplomas, mas eles são incapazes de prover uma educação artística e estética que forneça uma informação histórica com a compreensão de uma gramática visual e do fazer artístico como auto-expressão. Muito aprendizado seria necessário, além do que a universidade tem dado atualmente. Os professores reagem contra o que não estão preparados para ensinar.

Já o futuro da arte-educação no Brasil está ligado a três propostas complementares: uma primeira proposta seria o reconhecimento da importância do estudo da imagem no ensino da arte em particular e na educação em geral. A

necessidade da capacidade de leitura de imagens poderia ser reforçada através de diferentes teorias da imagem e também da relação entre imagem e cognição. (BARBOSA, 1989).

Outra proposta que estará presente na arte-educação no Brasil do futuro é a ideia de reforçar a herança artística e estética dos alunos, levando em consideração seu meio ambiente. (BARBOSA, 1989). A iniciativa de trabalhar em sala de aula, com os alunos do Ensino Médio, as tendências artísticas das vanguardas e arte moderna dentro de uma proposta didática têm como finalidade contribuir com o ensino/aprendizado das artes visuais em meio a realidade dos jovens estudantes. A estratégia é apresentar rompimentos artísticos, a partir de novas formas de imagens, estilos estéticos, leitura das obras, apreciação e fazer artístico. Além disso, estimular a criatividade, a compreensão de várias linguagens artísticas e análise crítica da obra produzida.

4 - CAPÍTULO 3. A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DOS DESENHOS RELACIONADOS ÀS VANGUARDAS E ARTE MODERNA NAS AULAS DE ARTE

A proposta deste capítulo é apresentar o método pedagógico de ensino/aprendizado que experimentamos nas aulas de arte com os alunos do Ensino Médio, cuja didática consiste em incentivar os mesmos a praticar o desenho tomando como referência o trabalho das vanguardas artísticas do início do século XX. Entende-se que esta atividade é um desafio, pois os alunos têm conceitos pré concebidos sobre o ato de desenhar, assim essa prática do desenho torna-se como algo inovador e de ruptura de paradigmas para os estudantes.

Antes dos alunos começarem a fazer seus desenhos, eles precisam entender melhor o que são as artes visuais, cuja linguagem está diretamente relacionada com o sentido da visão. Esse é, com certeza, o sentido que a maioria das pessoas mais usam em seu cotidiano, especialmente no mundo atual. São consideradas artes visuais, a pintura, o desenho, a escultura, a gravura, a fotografia. (BOZZANO et al, 2013).

Por outro lado, as pessoas vivem atualmente numa era ligada aos mais diversos meios de comunicação. Hoje a TV, o computador, os cartazes publicitários e os celulares apresentam todos os dias imagens criadas pelos seres humanos para comunicar ideias, registrar momentos, despertar interesse e gerar emoções. Nesse cenário, conhecer os elementos que compõem a linguagem visual torna-se importante para compreender melhor não só as artes, mas também o mundo em que se vive. (BOZZANO et al, 2013).

Para se ver e compreender a produção de um desenho é importante que os alunos se familiarizem com os elementos da linguagem visual de maneira a se munirem com as ferramentas necessárias para uma alfabetização visual durante a atividade realizada em sala de aula. O ponto é a unidade mínima da linguagem visual; o elemento mais simples. Assim que se coloca o lápis no papel, cria-se um ponto. É a partir do ponto que surgem todas as outras formas. O ponto atrai o olhar. Pontos posicionados próximos e alinhados passam a impressão de continuidade, que se torna mais intensa quanto menor for a distância entre eles. (BOZZANO et al, 2013).

Para contextualizar brevemente, relembramos aqui, algumas características dos elementos estruturais mais básicos da linguagem visual: o ponto, a linha e o plano. Esses elementos técnicos são importantes no desenvolvimento do ensino/aprendizado e releitura das vanguardas.

Desde a pré-história, nas primeiras manifestações visuais conhecidas, o ser humano já se valia de técnicas bidimensionais e tridimensionais bem como diferentes bem como diferentes formas de usar elementos visuais para gerar efeitos diversos. A forma com quem se opera com os elementos visuais influencia as impressões que se tem ao olhar para uma imagem, que se relaciona e se organiza no espaço. Isso ocorre tanto em relação a imagens bidimensionais quanto em relação a objetos tridimensionais observados num determinado espaço. Portanto, aprender a operar com esses elementos da linguagem visual é se apropriar dessa linguagem para melhor se comunicar e se expressar o desenho ou até mesmo a escultura por meio dessas formas.

Entende-se que a pintura rupestre são as manifestações artísticas culturais realizadas pelos povos primitivos, ou seja, homem das cavernas, nas paredes de grutas e rochas. Ao citar esses elementos visuais durante as aulas, a finalidade é facilitar o entendimento, a compressão e a releitura dos mesmos para as artes visuais.

Compreende-se que as manifestações e produções artísticas, como discursos, proporcionam experiências estéticas e culturais que formam e modelam desejos, sonhos, atitudes, ou seja, criam subjetividades. Assim, é importante que a arte-educação baseada na cultura visual se preocupe como os conteúdos ensinados e aprendidos na escola e também com o modo como as manifestações artísticas são encaradas e criticadas por estudantes e professores, a fim de não reforçar preconceitos e lugares comuns ou valorizar uma cultura em detrimento de outra. (UTUARI et al, 2016).

4.1 Metodologia usada para incentivar os alunos a produzirem seus próprios desenhos de releitura das vanguardas

Para o professor de arte poder realizar uma produção do desenho baseada numa linguagem artística das vanguardas e arte moderna com os alunos, ele precisa introduzir conceitos importantes das artes visuais. De acordo com Pougy e Vilela

(2016), a tradição da representação do espaço sempre foi uma das características mais marcantes da produção artística. O trabalho de representar o espaço tridimensional com recursos bidimensionais (o desenho, a pintura sobre o papel ou a tela) sempre foi um desafio.

Pougy e Vilela (2016) apontam algumas situações que ocorrem em sala de aula durante as práticas de ensino de arte. Provavelmente, o aluno ao tentar desenhar um lugar, como a sala de aula, por exemplo, tem algumas dificuldades que são repassadas ao professor. Para dar conta desse tipo de representação, inúmeras técnicas foram elaboradas ao longo da história da arte, como o desenho de perspectiva, a utilização do ponto de fuga e o efeito sfumato e essas são repassadas aos alunos de forma a auxiliar no processo de representação.

Outros exemplos apresentados apontam que na modernidade, artistas como o pintor francês Paul Cézanne revolucionaram essas noções, representando o espaço e os objetos tridimensionais de maneira considerada distorcida, desobedecendo às técnicas de perspectiva e mostrando objetos de pontos de vista que não correspondem à experiência real.

Já Marcel Duchamp foi ainda mais longe ao propor que a arte poderia ocupar o espaço real, junto com os espectadores, ao realizar a obra *Milhas de barbante*. Assim como para ele, a questão para os dadaístas não era como a arte poderia representar o espaço, mas como ela poderia intervir nele, relacionado-se com as pessoas. Atualmente, os artistas contemporâneos trabalham com as mais diversas propostas em relação ao espaço, como instalações e ocupações, até no espaço virtual.

Quando se propõe uma atividade baseada na produção das vanguardas um desenho ao ser produzido deve tomar forma a partir da experiência do aluno com as várias possibilidades experimentadas pelas tendências artísticas das vanguardas. A exploração define que a exploração da forma como assunto do trabalho, seja na pintura ou na escultura, é uma das muitas características marcantes da arte moderna e contemporânea. Foi nesse período que artistas ampliaram os horizontes da exploração e da experiência com a arte, subvertendo o uso de objetos utilizados no dia a dia que dão novos significados as formas. Os artistas passaram a criar as formas em seus trabalhos, sem ter um comprometimento muito restrito com a

representação do real. Na escultura, por exemplo, muitos dedicaram-se ao desenvolvimento de processos de criação, muitas vezes bastante pessoais, que resultassem em formas inovadoras. (POUGY e VILELA, 2016).

A apropriação foi uma prática aplicada de forma diversas a partir do século XX. O escultor inglês Henry Moore, por exemplo, pesquisava pedras e seixos de rio que auxiliaram e serviram de inspiração para o seu trabalho. Essa abordagem cria uma interessante relação entre o processo e o resultado. Num processo diverso, outros também se apropriavam de objetos do cotidiano e suas formas, para subverter seu significado, como é o caso de Duchamp com os ready-mades¹. (POUGY e VILELA, 2016).

A ideia de que a arte só poderia ser produzida com materiais bastante específicos, como tinta a óleo, mármore, bronze, entre outros, permaneceu forte por muito tempo. A partir da modernidade, inúmeros elementos foram introduzidos à produção artística e desconstruiu a ideia tradicional do que seria material artístico ou não. O fato é que, desde então, quase tudo pode ser matéria-prima da criação artística.

O uso de materiais de todo tipo estimula a criatividade do aluno. Os materiais utilizados pelos alunos para a produção de seu trabalho pode contar com os recursos tecnológicos da atualidade para auxiliar na realização da atividade proposta pelo professor. Pougy e Vilela (2016) esclarecem que a materialidade da obra de arte visual pode se expressar mais comumente por meio da caracterização de três aspectos: o suporte, a matéria e a ferramenta. Mesmo hoje, em trabalhos de arte digital, pode-se identificar a presença desses elementos. O suporte é onde se configura o trabalho artístico, onde ele se fixa, como a tela na pintura, o papel no desenho e uma tela de computador ou semelhante no caso de uma imagem digital. Já a matéria é o material que se transforma no trabalho artístico, como a pedra na escultura, a tinta na pintura ou a luz na imagem digital. A ferramenta é o tipo de instrumento que o artista usa para realizar seu trabalho e manipular o material, como

¹ “Ready made: expressão inglesa que significa “objeto pronto”. Marcel Duchamp, por exemplo, em vez de criar um novo objeto, como uma escultura ou uma tela pintada, apropriava-se de objetos do cotidiano, produzidos pela indústria em série, modificando-os, ressignificando sentidos e atribuindo funções estéticas a esses objetos. (UTUARI et al, 2016, p.23)”.

o pincel na pintura, uma câmera, um computador ou um aplicativo para fazer um vídeo digital.

Observa-se que alguns materiais utilizados pelos alunos em sala de aula para fazer o seu desenho estão relacionados com a natureza que os cerca bem como objetos e imagens. Elementos naturais, como barro, pedras e água do mar, por exemplo, ganham significados quando utilizadas na produção de obras artísticas e ainda por remeterem à ligação do homem com a natureza. Em outros casos, objetos populares, como imagens de celebridades ou embalagens de produtos conhecidos, podem ser usados para criticar a sociedade de consumo, dependendo de como o artista manipula em sua obra, tal como fizeram os artistas da Pop Art. (POUGY e VILELA, 2016).

Pougy e Vilela (2016) relembram que Duchamp foi um dos primeiros artistas a propor que objetos prontos, sem a intervenção da mão do artista, poderiam ser considerados, ao mesmo tempo, material e a própria produção artística. O fato é que hoje muitos artistas que trabalham com recursos eletrônicos e digitais, como vídeos, internet e projeções em espaços públicos, têm em suas obras um material físico definido, isto é, estas podem ser reproduzidas, copiadas e baixadas da internet.

Outra sugestão dada pelo professor aos alunos durante a produção do desenho em sala de aula tem sido o incentivo para imaginar mundos. Com base nesse assunto, são propostas releituras de obras do Surrealismo, cujo foco era a imaginação e a memória; as coisas eram apresentadas de forma lírica como em um sonho. A partir desse estilo, as paisagens e outros temas não seguem uma lógica racional, uma árvore pode ser criada em cores que fogem do mundo natural, figuras se misturam formando seres híbridos, animais que não voam podem voar, pode até parecer que o mundo está de ponta-cabeça, um mundo imaginário que se abre na criação dos artistas. É a experiência de criar mundos lúdicos e fantásticos. (UTUARI el at, 2016).

Quando se fala na produção de um desenho não tem como deixar de fora a avaliação do colorido ou da pintura realizada pelo estudante. Para tanto trabalhar com obra de artistas fauvistas favorece o estudo das cores e das harmonias cromáticas. O principal representante dos Fauves foi o francês Henri Matisse. Ele fez das cores puras, com grandes áreas chapadas trabalhos que chocaram os mais

conservadores da época. Vale ressaltar que na arte moderna a arte passava cada vez mais a ser vista como um produto em si mesma, e cada artista ou corrente artística buscava criar suas próprias regras, independentes de padrões únicos. Matisse não estava representando a realidade como se fosse uma fotografia, mas usando-a como motivo para criar padrões formais e cromáticos carregados de expressividade. (BOZZANO et al, 2013).

Entende-se que compreensão artística, apreciativa e estética dos estudantes sobre as vanguardas e arte moderna passam pelo plano pedagógico da escola que tem como meta a qualidade do ensino. Por outro lado, há que se questionar a qualidade do material didático utilizado em sala de aula que interfere diretamente no ensino/aprendizado dos alunos e no trabalho do professor. Na avaliação de Barbosa (1989), a apreciação artística e história da arte não tem lugar na escola. As únicas imagens na sala de aula são as imagens ruins dos livros didáticos, das folhas de colorir, e no melhor dos casos, as mesmas produzidas pelos próprios estudantes.

[...] Visitas as exposições são raras e em geral pobremente preparadas. A viagem de ônibus é mais significativa para as crianças do que a apreciação das obras de arte. A fonte mais frequente de imagens para as crianças é a TV, os fracos padrões dos desenhos para colorir e cartazes pela cidade (outdoors). As crianças de escola pública, na sua grande maioria, não tem revistas em casa, sendo o acesso à TV mais frequente e mesmo que não se tenha o aparelho em casa, há a possibilidade do acesso a algum tipo de TV comunitária. Mesmo nas escolas particulares mais caras a imagem não é usada nas aulas de arte. Eles lecionam arte sem oferecer a possibilidade de ver. É como ensinar a ler sem livros na sala de aula. (BARBOSA, 1989, p.172).

Avalia-se que o modelo de ensino atual de arte nem sempre foi voltado para as tradições brasileiras, mas de conteúdo estético europeu. Barbosa (2015) explica que até 1870, pouco se contestou o modelo de ensino da arte da Academia Imperial das Belas Artes, que em parte servia de modelo à escola secundária privada. Nas escolas secundárias particulares para meninos e meninas, imperava a cópia de estampas, em geral europeias, representando paisagens desconhecidas aos nossos olhos acostumados ao meio ambiente tropical. Estas paisagens levavam os alunos a valorizar esteticamente a natureza europeia e depreciar a nossa pela rudeza contrastante. Por conta disso, é importante que o professor introduza nas atividades obras de artistas modernistas brasileiros durante as aulas para contribuir com aprendizado dos alunos.

O professor de arte tem um papel importante quando nas aulas teóricas da história da arte é incentivada a interpretação de uma obra artística das vanguardas, a criatividade, a apreciação e a estética. O plano pedagógico da escola precisa valorizar o ensino do desenho, dar o seu devido valor, desenvolver a atividade e a inteligência dos estudantes. Alguns especialistas e docentes que atuam no ensino de artes defendem esta ideia como o professor Ernani Dias, inspetor de desenho, em entrevista concedida ao Diário da Noite, diz que o desenho, além de auxiliar no ensinamento primário, forma o caráter artístico intelectual do futuro cidadão. (BARBOSA, 2015).

O desenho produzido pelo aluno e o seu fazer artístico são práticas que contribuem para o aprendizado de arte. De acordo com Barbosa (2015), para o estudante, o desenho é um meio admirável de expressão. A reprodução de uma página de leitura pelo desenho, é por assim dizer-se, uma lição de linguagem ilustrada que ao aluno muito apraz executar. Constituí mesmo, para ele um útil divertimento. Os professores de arte quando propõe ao aluno um desenho autoral ou a releitura de uma obra artística contribuem para o seu desenvolvimento intelectual, visual, estético e apreciativo. Além disso, cumpre seu papel educativo do ensino/aprendizado em artes visuais.

Já a atividade artística da produção de uma obra, deve ser estimulada pelo professor com a finalidade de ampliar as habilidades dos estudantes. Além desse valor prático e objetivo, o docente tem a faculdade de despertar o gosto estético do aluno e, preparar, assim, uma geração mais “civilizada” em matéria de arte. O trabalho não é formar ou preparar artistas futuros com a sistematização da disciplina em questão. O desenho tem, além de ir despertando o gosto estético do estudante, a faculdade de lhe desenvolver a atividade e inteligência, com uma orientação inteligente do professor dedicado. Com a observação cotidiana das coisas, ou seja, objetos ou assuntos desenhados, a atividade do jovem se desenvolve rápida e eficazmente. (BARBOSA, 2015).

[...] Precisamos, além de utilizar o desenho como fator auxiliar no ensinamento primário, formar caráter artístico-intelectual do futuro cidadão. Até aqui temos vivido numa completa ignorância em matéria de arte. Dê uns anos (aliás poucos) a esta parte, é que o nosso povo começa a volver a sua atenção aos assuntos que relacionam o belo, principalmente a pintura. Se é certo, como disse alguém, que é pelo adiantamento artístico de um povo que se avalia da sua cultura, não

menos certo é que, pelo ambiente e pela educação, que adquire essa cultura. Criando a inspetoria especializada do desenho (além de outras), vem o governo de prestar um grande benefício à nossa instrução. (BARBOSA, 2015, p.158).

Com base na experiência em sala de aula com os alunos do Ensino Médio, cuja a proposta de trabalho tem sido a releitura de obras das vanguardas e arte moderna, desde o seu início se tornou um desafio e ao mesmo tempo superou todas as expectativas, porque quando foi passado aos estudantes essa atividade prática, eles romperam os preconceitos e entenderam que o processo de aprendizado pode ser realizado pela produção pessoal criativa.

A escola, a partir do ensino de arte precisa valorizar o conteúdo e os trabalhos a serem realizados pelo professor durante o ano. O planejamento didático deve contribuir com o aprendizado dos alunos. Para Barbosa (2015), em relação as escolas, a matéria assume outro caráter. Abrange-se o mesmo fim educativo visado, tem se em vista, principalmente, preparar futuros professores, aptos a exercerem com o máximo proveito, e eficácia o magistério artístico pedagógico primário. Um dos profissionais que mais necessita da didática para transmitir aos alunos as atividades práticas de desenhos durante as aulas de arte é o professor. Essa compreensão permite aos estudantes desenvolver com criatividade a releitura de uma obra artística.

Sabe-se que a escola é local onde se desenvolve o conhecimento, a pesquisa e o estudo. Também estimula os estudantes para as experiências criativas e pessoais. Estas experiências podem ser levadas para outros espaços e divulgadas. É o que afirma Utuari el at. (2016) ao explicar que não há um lugar determinado para criação e nem regras. Cada pessoa encontra um canto, um jeito de organizar os materiais e as ideias para o processo criativo. Na arte contemporânea, os artistas usam materiais muito diversos e seus locais de trabalho podem ser nada convencionais. A arte também pode acontecer na rua, em um ateliê e pode ser montada em espaços da escola onde ficam fixados os murais. Considerar essas possibilidades também pode auxiliar na prática a se propor para os alunos. O exemplo é a releitura da obra dos artistas das vanguardas europeias que surgiram no início do século XX.

Já o processo criativo dos alunos pode acontecer das mais diversas formas no espaço escolar desde as aulas teóricas, debates, conversas entre os colegas em sala de aula. Além de lugares como os ateliês, às vezes os artistas se encontram para conversar e criar arte. Pode ser na casa de alguém, em um clube, praça ou centro cultural. Muitos artistas criam grupos para discutir suas ideias e para produzir peças teatrais, espetáculos de dança ou exposições em artes visuais. Grandes eventos culturais que influenciaram a arte já foram criados assim, em grupo. Às vezes, a criação de um grupo ocorre intencionalmente, com pessoas convidadas a participar. Em outras, os grupos são formados de maneira espontânea, em círculos de amigos. (UTUARI el at, 2016). A prática coletiva também pode ser estimulada como estratégica didática.

[...] Uma das características da arte contemporânea, portanto, é a possibilidade de artistas e grupos de artistas trabalharem de forma independente, de maneira que não precisem mais se prender a compromissos institucionais que possam limitar sua produção. Dessa forma, têm a oportunidade de se apropriar de materiais diversos, como fotografias, subverter suas ideias e transformá-las em obra de arte que, muitas vezes, apresentam questionamentos e incitam o posicionamento crítico do público. Além disso, promovem o acesso à arte e a democratização da produção artística, fato que pode ser representativo quando se trata das parcelas da população que historicamente não tiveram acesso às redes. (UTUARI el at, 2016, p.389).

Diante disso, quando é dada ao aluno a oportunidade de analisar e interpretar as imagens das vanguardas e arte moderna durante as aulas de arte, possibilita-se ao mesmo tempo inúmeras interpretações relacionadas com o seu cotidiano. Utuari el at. (2016) explica que o artista pode se apropriar de outras imagens como forma de se comunicar, estabelecendo todo tipo de diálogo a partir de referências comuns que circulam na sociedade e que possuem significados semelhantes para todas as pessoas.

O fato é que a trajetória em sala de aula com o ensino de artes permitiu a partir do conteúdo sobre as vanguardas e arte moderna elaborar um projeto baseado em aulas teóricas relacionadas ao assunto, atividades práticas de releituras dos artistas vanguardistas e a exposição dos desenhos produzidos pelos próprios alunos e fixados no mural da escola. Essa proposta didática possibilitou aos alunos ampliarem o conhecimento sobre as mais diversas tendências artísticas, não se limitando a atividades práticas adquiridas no decorrer da sua vida estudantil. A

percepção é que a prática com as vanguardas proporcionaram aos estudantes profundas reflexões do fazer artístico, gerou a liberdade criativa, quebra de paradigmas e ainda contribuíram para o ensino/aprendizado.

Os estudantes do Ensino Médio podem apresentar um grande repertório visual oriundo do contato que têm com as muitas produções artísticas que circulam na sociedade, como as imagens veiculadas pela televisão, pelo cinema e por sites da internet, além das obras expostas em revistas, livros, museus ou outros espaços de divulgação. Em outras palavras, ao participar da cultura, esses estudantes constroem seu repertório sobre artes visuais. (UTUARI et al, 2016). O contato dos alunos com a releitura das obras artísticas e os estilos mais variados das vanguardas expostos no mural da escola tem um caráter experimental e permitem a eles refletirem sobre a estética do desenho, as influências culturais da vida cotidiana.

Em linhas gerais, a percepção dos estudantes sobre o jogo de luz e sombra, de tonalidades e de formas já está desenvolvida. Esses jovens já são capazes de representar a figura humana com articulações e de desenhar o espaço explorando as diferenças entre os tamanhos dos objetos, utilizando-se das perspectivas linear e atmosférica. Entretanto, sua produção em artes visuais é reflexo da capacidade de enxergar a si e de sua relação com o mundo. Por tudo isso, ao se expressar por meio da linguagem visual com desenhos, pinturas, colagens, esculturas e fotografias, os estudantes revelam muito daquilo que sabem e sentem em relação aos objetos, às pessoas, à vida. (UTUARI et al, 2016).

Por conta disso, é importante a produção do desenho das vanguardas europeias e arte moderna com os alunos do Ensino Médio durante as aulas de arte, como uma forma de conhecimento que se manifesta por meio da experiência estética e cultural. A fim de mediar o ensino/aprendizagem é preciso conduzir olhar dos estudantes e ressaltar aspectos formais das obras, como linhas, cores, formas, volume, proporção, movimento e, também, aspectos relativos aos conteúdos conceituais, factuais e procedimentos considerados relevantes para o aprendizado deles. Portanto, os estudantes podem ampliar diversas habilidades no sentido de pensar sobre a abordagem de obra de arte como construção da linguagem e fruto do trabalho humano.

A conclusão da experiência em sala de aula com os alunos do Ensino Médio mediante atividade prática de releitura das vanguardas europeias e arte moderna possibilitaram o rompimento de ruptura dos estudantes em relação a produção do desenho. Já os resultados observados durante as aulas foram significativos por proporcionarem incentivos da individualidade artística de cada aluno, mediante aos diversos estilos de obras das vanguardas, com a busca da compreensão e entendimento em reproduzir as mesmas. Assim, esta prática torna-se eficaz no ensino de artes quando proporciona aos alunos a apreciação estética, interação com os colegas sobre os artistas e obras, relacionados com o dia a dia para o aprimoramento do ensino/aprendizado das artes visuais.

CONCLUSÃO

Neste trabalho foi visto como trabalhar com a obra de artistas das vanguardas artísticas europeias do final do século XIX e princípio do século XX que romperam paradigmas e podem auxiliar no desenvolvimento crítico, analítico e prático de alunos do Ensino Médio.

É ainda comum encontrar entre educadores e estudantes a ideia de que um trabalho de arte deve ser baseado em representações naturalistas sem que se proponha uma reflexão sobre o fazer. Diante disso, este trabalho busca apresentar de forma sucinta métodos didáticos pedagógicos que se valem do uso do desenho e da pintura em releituras que aproximam os alunos das tendências artísticas que revolucionaram o panorama das artes visuais. Esta prática deve fortalecer a percepção cognitiva e torna-se um recurso pedagógico no ensino de artes.

Por meio da imersão nos trabalhos dos artistas de vanguarda o ensino de Arte pode-se inovar ao proporcionar os alunos os conceitos e formas de produção artística que foram determinantes para transformação do fazer artístico a partir do início do século passado. Além de renovar o modo de ensinar, possibilita o conhecimento dos alunos com a releitura de uma obra aproximando-a da realidade cotidiana dos estudantes. Assim, as aulas realizadas pelo professor precisam ir de encontro aos anseios e interesses dos alunos e a escola formular conteúdos que tenham relação com o dia a dia dos estudantes.

Já o planejamento do professor precisa contribuir com o ensino/aprendizagem por meio dos métodos didáticos como o livro, as atividades práticas e recursos tecnológicos de imagem para o conhecimento e compreensão acerca da produção das vanguardas modernistas. O docente deve usar os conceitos e conteúdos dos movimentos e tendências vanguardistas para o entendimento do ensino das artes visuais.

A produção do desenho e da pintura e a releitura como atividade prática devem proporcionar o aprendizado, troca de conhecimento e interação entre os alunos durante as aulas. Este recurso didático apresentado torna-se importante para assimilação de conteúdos, não só na disciplina de Arte, mas também em outras áreas do ensino de maneira interdisciplinar. Portanto, o estudo das vanguardas é

uma eficiente ferramenta para educação de qualidade e formação de pessoas com consciência crítica, analítica, reflexiva e cultural.

Enfim, apresento o ensino das vanguardas modernas como prática didática nas aulas de Arte, dentro de um processo apreciativo, estético e criativo, com o propósito de contribuir para o crescimento dos estudantes em todas as fases do ensino e formação educacional.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae. *Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras*. *Estudos Avançados*, 3(7), 170-182. São Paulo: 1989. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8536>>. Acesso em: 23 nov. 2019.
- BARBOSA, Ana Mae. *Redesenhando o Desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=EZiZCgAAQBAJ&pg=PA275&lpg=PA275&dq=Resenhando+o+desenho+Ana+Mae&source=bl&ots=RLOyvNqSCH&sig=ACfU3U1zjXQzQkmhKaaJnuLo8kJ-GXvnw&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwj74YC9k97mAhXiK7kGHUbdAHEQ6AEwDHoECAUQAQ#v=onepage&q=Resenhando%20o%20desenho%20Ana%20Mae&f=false>>. Acesso em: 22 nov. 2019.
- BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/ ARTE, 1998. Disponível em: <http://www.repep.fflch.usp.br/sites/repep.fflch.usp.br/files/Topicos%20Utopicos%20BARBOSA_A.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- BOZZANO, Hugo; FRENDA, Perla; GUSMÃO, Tatiane Cristina. *Arte em interação*. 1ª edição. São Paulo: IBEP, 2013.
- FERRAZ, Maria Heloísa C. T., FUSARI, Maria F. Resende. *Metodologia do ensino da arte*. São Paulo: Cortez, 1993a. Disponível em: <<https://www.arteducacao.pro.br/metodologia-do-ensino-de-arte.html>>. Acesso em: 23 nov. 2019.
- POUGY, Eliana; VILELA, André. *Todas as Artes*. 1ª edição. São Paulo: Ática, 2016.
- RODRIGUES, Marly. *Imagens do Passado: a instituição do patrimônio em São Paulo 1969–1987*. São Paulo: UNESP, 1999.
- SAVIANI, Dermeval. *Escola e Democracia*. Campinas, SP: Autores Associados, 1999. Disponível em: <<https://petpedufba.files.wordpress.com/2016/02/savianidermeval-escolaedemocracia.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2019.
- UTUARI, Solange; LIBÂNEO, Daniela; SARDO, Fábio; FERRARI, Pascoal. *Arte por toda parte*. São Paulo: FTD, 2016.